



Quinto Domingo depois de Pentecostes (04/07/04) Próprio 9

1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 66:10-16

A partir do capítulo 56 do livro do profeta Isaías estamos dentro do Trito-Isaías que é produto dos discípulos do profeta que voltaram do exílio babilônico dispostos a construir uma nova sociedade de completa fidelidade a Deus. Gottwald (Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica, p. 472) apresenta uma estrutura desta coletânea profética que começa e termina com a proclamação da salvação para todas as pessoas de todas as nações (56:1-8 e 66:7-24) e onde o centro é a *"proclamação de pessoas plenamente resgatadas"* (60-62). Mais da metade de Trito-Isaías é dedicada à proclamação da realização do sonho de uma nova sociedade onde a paz e a justiça seriam evidência da glória de Deus.

Deus é mãe: *"para que mameis e vos farteis dos peitos das suas consolações; para que sugueis e vos deleiteis com a abundância da sua glória"* (Isaías 66:11). É possível que entre as pessoas que elaboraram esta profecia houvesse mulheres que sabiam que não há nada melhor para acalentar os sonhos do que mamar nos peitos da sua mãe. A imagem permanece no versículo 12: *"sereis amamentados, carregados no regaço e acariciados sobre os joelhos"* (conforme TEB). E finalmente é reforçada no v.13 dizendo: *"acontecerá como a quem é confortado por sua mãe"*.

Para a mentalidade judaica a salvação se dava na história, não no céu como espaço utópico. Portanto só haveria redenção se Deus eliminasse da face da terra todas as forças inimigas. A indignação de Deus contra os inimigos do seu povo (v.14b); a ira, furor e repreensão (v.15b) e o julgamento sobre toda carne (v.16), fazem parte da necessária preparação para a salvação.

Para nossa mentalidade moderna há uma importante tensão entre a imagem terna e cuidadosa de uma mãe amamentando sua criança e a imagem de um Deus indignado, irado, vingativo do qual se diz: *"serão muitos os mortos da parte do Senhor"* (Almeida) ou *"numerosos serão os traspassados pelo SENHOR"* (TEB). No entanto, para a mentalidade antiga a ira de Deus era a forma de mostrar o seu amor pelo povo. Também a mãe urso era feroz quando alguém ameaçava seus filhotes (cf. 2 Sm 17:8; Pr 17:12; Os 13:8).

Hoje temos dificuldades de ver Deus como mãe que nos amamenta. O texto de Isaías mostra que este grupo profético do século 6º a.C. não tinha inconvenientes em ver Deus como mãe que amamenta e que luta pela vida dos seus filhos e filhas. Hoje a nossa salvação não está condicionada à morte de nossos inimigos. No entanto, devemos por isso perder nossa capacidade de indignação, nossa santa ira contra as forças que promovem a morte aqui perto e no mundo todo? Será que Deus perdeu a capacidade de se indignar como Jesus Cristo? Jesus advertia aos seus discípulos missionários: *"Eis que vos enviou como cordeiros no meio de lobos"* e logo depois condenaria as cidades que se fecharam à justiça e a paz como: Betsaida e Cafarnaum (Lc 10:3 e 13-16). Como vemos Jesus não perdeu a capacidade de se indignar. (HMG)



2ª leitura (epístola) - Gálatas 6 (1-10) 14-18

Há um erro enorme que normalmente cometemos quando chegamos em uma nova comunidade. É o erro de associar a maturidade com tempo de serviço. Ou seja, muitas vezes pensamos que aquelas pessoas que estão há mais tempo na paróquia são justamente as pessoas mais maduras e que mais devem ser ouvidas. A prática, contudo, demonstra que nem sempre é assim. De fato deveria ser normal que aqueles que tivessem mais tempo de igreja fossem exatamente os mais amadurecidos, mas não é raro encontrar nestes exatamente os mais complicados, os mais infantis e os mais problemáticos. Eles se escondem por trás de seu tempo na igreja para poder "autorizar" suas opiniões.

Dando prosseguimento a suas instruções, o Apóstolo Paulo nos fala agora – no encerramento de sua carta – justamente para aqueles que são "espirituais" (v.1), ou seja, os que vivem sob a direção do Espírito (5:18). Para Paulo, os problemas que surgiram na região da Galácia têm a ver com a falta de preparo no momento do *katecumenato*. É justamente para os que estão recebendo instrução (6) e pretendem viver no Espírito que ele dá suas últimas instruções. Pensando nisso meditaremos hoje sobre o seguinte tema: **Sugestões aos neófitos.**

No texto que acabamos de ler, há pelo menos três sugestões que o Apóstolo Paulo dá aqueles que estão recebendo as instruções catecumenais.

Em primeiro lugar ele ensina que **há uma lei inexorável** (v.7) "aquilo que o homem semear também ceifará". É interessante ver o Apóstolo citar ditados que estavam presentes nas culturas da época. Qualquer cultura que dependia minimamente da agricultura conhecia ou conhece um ditado semelhante a este. Neste ditado aprendemos que não devemos esperar colher algo diferente daquilo que foi plantado. Ou seja, há uma relação causal entre o que semeamos e o que colhemos. Não se pode semear trigo e colher uva. Da mesma forma não podemos semear inimizade e colher algo diferente. A natureza do que colhemos tem a ver com a natureza do que semeamos. Uma segunda verdade que aprendemos aqui é que "todos semeiam e todos colhem". Toda a nossa vida é comparada com uma grande semeadura. Cada um de nós semeia diariamente por meio de palavras, ações, omissões, etc. Chegará o momento oportuno em que colheremos do que semeamos.

Em segundo lugar ele ensina que **há duas opções bem definidas** na nossa vida espiritual. Uma vez que já estamos conscientes de nossa constante semeadura existencial, Paulo une este capítulo onde fala de semeadura com o capítulo anterior quando fala de frutos, dizendo que é possível semear para a carne e semear para o Espírito. O que seria então semear para a carne? Comentando este texto, John Stott nos diz que semear para a carne "é trabalhar para ela, acariciá-la, aconchegá-la e afagá-la em vez de crucificá-la". Muitas vezes não nos damos conta dos perigos que corremos quando abrigamos ressentimentos, dores, magoas, etc. Sempre que guardamos estes sentimentos maus em nosso coração, sempre que *semeamos* ou plantamos este tipo de semente no terreno de nossa alma, as conseqüências são claras. As obras da carne estão prestes a surgir. Mas é possível também "semear para o Espírito". Semear para o Espírito é andar no Espírito (5:16, 25). As sementes são nossos pensamentos e nossos atos. Quando semeamos coisas boas em nosso



coração, fatalmente colheremos coisas boas. Semear para o Espírito nos fará colher o Fruto do Espírito.

Em último lugar, Paulo nos ensina que **há uma proposta clara: "faça o bem"**. Se já estamos conscientes das graves conseqüências que uma má semeadura pode produzir em nossa vida, o passo seguinte a semear coisas boas, e seguir a proposta de Paulo: "faça o bem" (v.9). Convencidos de que devemos fazer o bem, devemos prestar atenção ao que Paulo nos diz. Segundo ele, devemos fazer o bem *incansavelmente* (v.9). Ou seja, jamais devemos usar a desculpa do cansaço para não fazer o bem ao próximo. E Paulo diz mais. O bem deve ser feito "em todas as oportunidades" (v.10) e a todos, mas começando pelos "domésticos da fé" (v.10). Ninguém na nossa comunidade deve passar por privações. É nosso dever ajudar a todos, mas nossa ajuda deve começar pelos nossos irmãos da Paróquia, da comunidade.

Ser maduro na fé é, justamente, compreender que a comunidade é o espaço que Deus nos deu para "fazer o bem". Nossa Paróquia deve ser vista como o lugar privilegiado para semear o bem, para espalhar o amor e o perdão. Se esta prática fosse vista como sinal de maturidade e não como prova de meninice, certamente nossas comunidades seriam melhores do que são. (JLFA)

Santo Evangelho - Lucas 10.1-12, 16-20

O texto do evangelho nos traz hoje um pedido de oração feito por ninguém menos que o próprio Senhor Jesus: "rogais, pois, ao Senhor da seara que envie trabalhadores para a sua seara" (v.2b). O foco maior do texto gira em torno dessa dinâmica de envio, urgência na proclamação do evangelho, o necessário desprendimento para com os valores materiais, a confiança no Deus que nos supre e nos sustenta e a alegria por participarmos desse glorioso ministério.

O capítulo 10 de Lucas é uma inserção posterior feita pela comunidade, pois anteriormente Jesus já enviara os doze com palavras semelhantes (cf 9.1-6). No capítulo 22, Jesus pergunta aos doze: "quando vos enviei sem bolsa, alforje e sandálias, faltou-vos, porventura, alguma coisa? Nada, disseram eles (22.35). Provavelmente, trata-se aqui da compreensão atingida pela comunidade lucana de que o ministério dos doze se estende a toda comunidade representada no número "setenta" e representada pelo fenômeno dos pregadores carismáticos itinerantes. Schweizer entende que 70 é número das nações, aludindo inclusive a uma antiga tradição rabínica que fala de Israel como uma ovelha entre setenta lobos (*The Good News according to Luke*, p. 174). Pode aludir também aos 70 anciãos de Israel (Ex 24.1; Nm 11.16) ou até mesmo aos "setenta" que teriam traduzido a LXX. É difícil chegar a uma conclusão precisa e talvez a mais sugestiva seja considerar o número



setenta como um símbolo da plenitude dos que seguem a Jesus. Ou seja, todos são enviados a proclamar o evangelho e devem estar sujeitos às dificuldades dessa missão.

O foco do texto é a aceitação ou a rejeição do evangelho. Os que são enviados de dois em dois estarão vulneráveis como cordeiros no meio de lobos e por isso não podem prender-se a valores materiais (bolsa, alforje, sandálias, apontam para uma certa segurança).

O conteúdo da pregação do evangelho aponta para necessidades perenes em todas as épocas: a iniciativa da paz (v.5); a cura de enfermidades atuais, sejam físicas ou espirituais (v.9a) e o anúncio do Reino (v.9b). Essa mensagem é sempre uma oferta graciosa. Jamais pode ser empurrada à força nem distorcida com pregações recheadas por sentimentalismos melosos, falsas promessas, um evangelho de barganha ou terrorismo psíquico.

Mais do que nunca precisamos aprender com o texto de hoje, que toda comunidade participa do ministério apostólico. Todos somos enviados. Todos somos exortados a não nos prendermos aos valores materiais, porque estes sempre irão requerer de nós uma fidelidade incompatível com o necessário desprendimento evangélico; todos somos animados a compreender que o evangelho é, antes de tudo, um anúncio de paz e cura; de restauração e promessa de um novo futuro.

E acima de tudo, todos somos desafiados a nos alegrarmos não com as demonstrações de poder que porventura possamos ter em práticas de exorcismos ou em influenciar a sociedade através de nossas instituições eclesásticas, mas acima de tudo pela promessa e segurança de termos nossos nomes escritos nos céus. (CEBC)